ISSN 2175-5841
HORIZONTE
PUC Minas
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

CC BY

Dossiê: Religiões e religiosidades nos Estados Unidos – Artigo Original
DOI – *10.5752/P.2175-5841.2024v22n69e226904*

"Uma nação sob Deus, indivisível": a presença da providência divina nos discursos inaugurais dos presidentes dos Estados Unidos (1789-2021)

"One nation under God, indivisible": divine providence in the inaugural addresses of United States presidents (1789-2021)

Luciano Daudt da Rocha*

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar como os temas ligados à "providência divina" foram sendo refirmados e ressignificados com o passar do tempo e, desta forma, consolidaram-se como uma das principais características da identidade estadunidense comunicada nos discursos presidenciais. Como metodologia, analisamos o conteúdo dos discursos inaugurais dos 46 presidentes da história do país, localizando e tematizando as alusões à providência divina em cada uma das falas. O texto está organizado em três seções: iniciamos discutindo as bases teóricas e metodológicas da pesquisa, apresentando os discursos inaugurais como uma documentação capaz de proporcionar uma análise em longa duração. Seguimos problematizando a constância da simbiose entre política e religião no discurso presidencial. Na sequência, analisamos a presença dos temas da providência divina nos discursos inaugurais dos 46 presidentes do país, afirmando pela sua força e permanência no discurso presidencial estadunidense. As considerações finais apontam que a simbiose entre política e religião dificulta a afirmação do Estado laico, o surgimento de projetos políticos alternativos para a sociedade estadunidense, bem como justifica as investidas imperialistas do país no sistema-mundo.

Palavras-chave: Identidade estadunidense. Providência divina. Discurso político estadunidense. Discursos inaugurais. Puritanismo.

Abstract

This article analyzes how themes related to "divine providence" have been reaffirmed and redefined over time, becoming one of the main characteristics of American identity communicated in presidential addresses. As a methodology, we analyzed the content of the inaugural addresses of the 46 presidents in the US history, locating and thematizing the allusions to divine providence in each document. The text is divided into three sections. First, we discuss the theoretical and methodological bases of the research, presenting the inaugural addresses as documentation capable of providing a long-term analysis. Next, we problematize the constancy of the symbiosis between politics and religion in presidential discourse. In the third part, we analyze the presence of themes of divine providence in the inaugural addresses of the 46 American presidents, affirming the strength and permanence of these themes in American presidential discourse. The conclusions indicate that the symbiosis between politics and religion hinders the affirmation of the secular State, as well as the emergence of alternative political projects for American society and justifies the imperialist attacks of the United States in the world-system.

Keywords: American identity. Divine providence. American political discourse. Inaugural addresses. Puritanism.

Artigo submetido em 08 de agosto de 2024 e aprovado em 18 de dezembro de 2024.

* Doutor em História. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0002-2548-2961. E-mail lucianocoordenacao@gmail.com.

Introdução

No primeiro discurso inaugural de Barack Obama, em 2009, o presidente abordou a situação de crise econômica que viviam os Estados Unidos e o mundo e os sucessivos sinais do fracasso da intervenção estadunidense no Iraque, desde o início de 2003. Em sua posse, procurava marcar a emergência de uma nação mais plural, em que a diversidade religiosa, de raça, de gênero e de nacionalidade encontravam espaço para inserir-se de vez na identidade do país.

> Nós continuamos uma nação jovem, mas de acordo com as palavras da Escritura, chegou a hora de deixarmos de lado as infantilidades. [...] a promessa dada por Deus de que todos somos iguais, todos somos livres e merecemos uma chance de buscar a completa medida de felicidade [...]. Esta é a fonte de nossa confiança – o conhecimento de que Deus nos convoca a dar forma a um destino incerto (United States, 2009, tradução nossa)[1].

Historicamente vista como um dos principais elementos da identidade estadunidense, a religião cristã protestante vem perdendo espaço. Segundo o relatório *America's Changing Religious Identity,* a população de cristãos brancos vem caindo em todas as doutrinas originadas do cristianismo (Jones; Cox, 2017). Em 1976, os que se identificavam brancos e de religiões cristãs eram 81%. Em 2017, estava na casa dos 43%. Esta queda tende a seguir, pois entre os jovens o número de cristãos brancos é ainda menor, caindo para 11% entre as pessoas com até 30 anos.

Apesar deste cenário, a diversidade e as desigualdades sociais foram ignoradas no discurso inaugural de Donald Trump, em 2017. Trump usou da retórica da unidade, da grandiosidade do destino do país e da necessidade "deixar de lado" os preconceitos.

> Somos uma única nação [...]. Dividimos um único coração, um lar e um glorioso destino [...]. Quando você abre seu coração ao patriotismo, não há lugar para preconceito. A Bíblia nos diz "quão bom e agradável é quando o povo de Deus vive junto em unidade". Devemos falar abertamente, debater nossos desentendimentos honestamente, mas sempre buscar a solidariedade. Quando a América está unida, a América é totalmente invencível (United States, 2017, tradução nossa)[2].

[1] We remain a young nation, but in the words of Scripture, the time has come to set aside childish things. [...] the God-given promise that all are equal, all are free, and all deserve a chance to pursue their full measure of happiness. [...] This is the source of our confidence, the knowledge that God calls on us to shape an uncertain destiny.

[2] We are one Nation [...]. We share one heart, one home, and one glorious destiny [...]. When you open your heart to patriotism, there is no room for prejudice. The Bible tells us, "How good and pleasant it is when God's people live

A força e a permanência do passado se mostram nos dois discursos inaugurais dos presidentes Obama e Trump arrolados acima e, de certa forma, nos indicam caminhos para entender a construção histórica da identidade dos Estados Unidos ao longo dos mais de 220 anos de República. Embora em uma primeira aproximação pareçam distintos, a atenção às permanências do passado nos revela que os elementos religiosos, especialmente ligados à ideia da providência divina, são intrínsecos à tradição política estadunidense, qual seja o espectro político do entrante no cargo.

O discurso presidencial estadunidense é composto por uma constelação de valores muito bem definidos, mesclando elementos de tradição religiosa e política para justificar as ações do Estado, tanto no plano interno quanto no internacional. Das hegemonias do capitalismo histórico[3], os Estados Unidos têm à sua disposição não só estratégias econômicas e militares para impor-se como potência no sistema-mundo e difundir sua identidade. O crescimento da riqueza e da importância do país no cenário global conduziram suas elites a um meticuloso aprimoramento do discurso político, voltado para convencer, tanto no cenário doméstico quanto no internacional, que suas demandas eram universais, moralmente justas e orientadas pela "providência divina".

Este artigo comunica parte dos resultados de uma pesquisa que teve por objetivo analisar como a identidade dos Estados Unidos tem sido comunicada nos discursos inaugurais [4] dos presidentes entre 1789 e 2021. Consideramos *identidade* o processo histórico de construção e consolidação de uma narrativa idealizada da sociedade dos Estados Unidos para o seu povo e para o mundo. Como a construção da identidade se dá através do processo de produção, difusão e reprodução de ideias e valores, entendemos a longa duração [5] como a

together in unity." We must speak our minds openly, debate our disagreements honestly, but always pursue solidarity. When America is united, America is totally unstoppable.

[3] Giovanni Arrighi (2013) apresenta uma análise da expansão da economia-mundo capitalista e aponta para quatro ciclos sistêmicos de acumulação capitalista e três hegemonias do capitalismo histórico (Holanda, Grã-Bretanha, Estados Unidos). Apresenta que hegemonia é "a capacidade de um Estado exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas".

[4] Os inaugurais são os discursos feitos pelos presidentes nas cerimônias de suas posses, conhecidas como *Inauguration Day*. Normalmente são proferidos após realizarem o juramento para o exercício do cargo. Ao total, foram analisados 67 discursos, correspondentes às posses dos 46 presidentes do país.

[5] Estamos utilizando aqui as diferentes durações do pensamento braudeliano. Para Braudel (1990), o tempo breve diz respeito aos acontecimentos, é o tempo "do cronista, do jornalista" (p.10). As conjunturas, segundo ele, dizem respeito ao conjunto de algumas décadas, um movimento geral que aglutina uma série de acontecimentos e que, de certa forma, representa um todo, um ciclo. A longa duração diz respeito às estruturas sociais, "Certas estruturas são dotadas de uma vida tão longa que se convertem em elementos estáveis de uma infinidade de gerações: obstruem a história, entorpecem-na e, portanto, determinam o seu decorrer" (Braudel, 1990, p. 14).

temporalidade adequada, pois revela elementos que, de tanto se perpetuarem nas sociedades, são tornados "naturais". Por isso, optamos por uma organização metodológica que possibilitasse perceber o que se mantém, o que muda e, principalmente, o que "muda para manter" ao longo da história do país.

Realizamos uma pesquisa documental nas bases do *American Presidency Project*, da Universidade da Califórnia, campus Santa Bárbara (UCSB), localizando os discursos inaugurais dos presidentes entre os anos de 1789 e 2021. Após o levantamento dos dados, procedemos com uma análise de conteúdo (Bardin, 2016) dos 67 discursos inaugurais, percebendo seus temas recorrentes e os agrupando em três macro categorias, identificadas como as grandes narrativas sobre a identidade estadunidense presentes nesta documentação. A primeira delas é a que a indica a existência de panteão político-religioso incontestável, de interesse central neste artigo[6].

Como parte desta pesquisa, o recorte apresentado aqui diz respeito a uma das subnarrativas da grande narrativa do panteão político-religioso incontestável, que indica que a formação do país e seu percurso na História Global são guiados pela "providência divina". O objetivo do artigo é analisar a presença dos temas ligados à providência divina no discurso presidencial estadunidense. Defendemos que o entrelaçamento entre política e religião pode ser visto na gênese da formação da nação e, ao longo do tempo, se cristalizou na tradição política do país, tornando sua abordagem suprapartidária e incontestável.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira, discutimos as bases teóricas e metodológicas da pesquisa, apresentando os discursos inaugurais como uma documentação capaz de proporcionar uma análise em longa duração. Na segunda, problematizamos a constância da simbiose entre política e religião na cultura política estadunidense, debatendo a articulação entre os mitos puritanos, a construção da identidade e o discurso presidencial. Na terceira, analisamos a presença dos temas da providência divina nos discursos inaugurais dos 46

[6] Esta grande narrativa foi identificada como originária, pois sustenta as duas seguintes. A segunda diz respeito à excelência das instituições e do modelo perfeito de democracia. A terceira apresenta o país como nação necessária no mundo. Ver Rocha (2021).

presidentes do país, afirmando pela sua força e permanência. As considerações finais apontam que a simbiose entre política e religião dificulta a afirmação do Estado laico, o surgimento de projetos políticos alternativos para a sociedade estadunidense, bem como justifica as investidas imperialistas do país no sistema-mundo.

1 Discurso presidencial, identidade e religião nos Estados Unidos

Devido à posição hegemônica do país no sistema-mundo no último século, os discursos inaugurais não foram apenas palavras ao vento, mas sim ilustrações de uma voz normativa, disciplinadora e, de certa forma, assustadora, para quem, no ambiente doméstico, destoasse desses valores e, no sistema-mundo, contestasse o "direito" do país de buscar seus interesses nacionais. As grandes narrativas sobre a identidade dos Estados Unidos se apresentam como uma combinação de valores endógenos e exógenos. A mentalidade ocidental vinda da longuíssima duração tem servido de base para a estruturação de uma constelação de valores atemporais. Esta combinação tem servido como base ideológica fundamental para a operacionalização de um projeto imperial em escala global. Pode ser vista como composta por diferentes retóricas que, vistas em conjunto, argumentam pela superioridade do Ocidente em relação aos demais povos e civilizações do mundo.

Dos diferentes meios à disposição do país para difundir seus valores e sua cultura, o discurso político tem sido um dos mais utilizados. Como a consolidação de identidades nacionais tem sido na maior parte dos exemplos na História um processo homogeneizante e um esforço pedagógico constante (Thiesse, 2000), os discursos de lideranças políticas que estão à frente do poder executivo revelam o conteúdo ideológico que envolve a formulação e a difusão destes valores, de que maneira eles são transmitidos à sociedade e quais interesses do tempo breve eles visam assegurar.

Na cultura política estadunidense, a figura do presidente da república ultrapassa a sua função de chefe de Estado. Os estudos sobre religião civil americana (Bellah, 1991) indicaram que, no panteão sagrado da política, os presidentes são vistos como altos-sacerdotes e o simbolismo em torno da

instituição da presidência da república é bastante explorado (Austermühl, 2014). As falas públicas destes homens, embora tratassem de assuntos próprios do tempo breve, enalteciam e, consequentemente, (re)afirmavam valores e ideologias que, com o passar do tempo, foram se cristalizando na identidade do país.

Tendo em vista o exposto acima, os discursos presidenciais de inauguração reproduzem o *mainstream* da cultura política dos Estados Unidos, demonstrando o quão vivas e operando estão as ideologias que fundamentaram a fundação do país e se transformaram em narrativas atemporais. Vistos na longa duração, se conectam por elementos fundacionais, tanto religiosos quanto políticos, usados para justificar as ações que os Estados Unidos têm tomado no seu interior e no sistema-mundo.

Os discursos presidenciais têm sido estudados por uma série de intelectuais que se dedicam a analisar a construção dos textos e dos significados presentes em seu interior. O trabalho de Campbell e Jamieson (1985) parece ser seminal para as pesquisas que têm os discursos inaugurais como objetos de estudos. Para elas, os inaugurais são um gênero distinto entre os discursos políticos, pois buscam unificar a audiência, reafirmando constantemente valores religiosos, éticos e políticos para anunciar os princípios da nova administração. Apresentam as limitações do presidente, estando sob autoridade do povo e, sempre, de Deus.

Estudos posteriores percorrem caminhos semelhantes, afirmando que os inaugurais revelam elementos tornados permanentes, aquilo que tem atravessado os tempos, reinventando e reforçando significados tradicionais que unem a comunidade política estadunidense, especialmente ligados à presença de elementos religiosos no discurso político (Austermühl, 2014; Ericson, 1997; Lui, 2012).

Os discursos presidenciais têm sido objeto de pesquisas que investigam conjunturas da política externa estadunidense em diferentes contextos históricos e geográficos (Hartnett; Mercieca, 2007; Resende, 2009; Sjöstedt, 2007). Estas pesquisas têm em comum identificarem a centralidade de retóricas escatológicas,

apocalípticas e de cunho religioso nos discursos presidenciais analisados[7].

A partir das contribuições das pesquisadoras e pesquisadores destacados acima, nossa pesquisa está considerando os inaugurais como falas impactantes, dotadas de uma base sólida de temas fundantes, uma adequada ilustração da tradição política estadunidense em longa duração. Para a compreensão de como eles comunicam a identidade do país, a análise de conteúdo dos inaugurais possibilitou a identificação dos grandes temas e a elaboração de uma metodologia para que pudessem ser analisados e relacionados entre si e às suas respectivas conjunturas históricas, buscando perceber quais são suas grandes narrativas e como elas se manifestam[8].

Para melhor visualização e organização das análises sobre as fontes, construímos uma planilha no aplicativo *Google Docs*, onde registramos os conteúdos dos discursos, quando eles foram proferidos e por quem. Observamos a ocorrência dos temas ao longo do tempo, a ênfase que foi dada a cada um deles e como se articulavam entre si e à conjuntura histórica do país e do sistema-mundo em cada ocasião. Acima de tudo, esta organização permitiu perceber quais eram os elementos da longa duração e diferenciá-los dos conjunturais.

Analisando a documentação em perspectiva de longa duração, identificamos três grandes narrativas que estão presentes nos discursos, cada qual com suas subnarrativas específicas (Rocha, 2021). A primeira delas, de interesse para este artigo, é a que demonstra a existência de um *panteão político-religioso incontestável*. É composta por duas subnarrativas: a da "providência divina" e a do "nascimento da América". Elas se misturam e se apresentam como aquilo que é mais constante e duradouro nos discursos inaugurais, sendo mobilizadas fortemente e com propósitos distintos ao longo da história do país. Em relação a esta grande narrativa, nada se renova e é justamente essa a intenção. Não há a remota possibilidade de discordância sobre nada do que é colocado

[7] O trabalho de Hartnett e Mercieca (2007) analisa os discursos de George W. Bush como repletos de elementos escatológicos e apocalípticos. Os trabalhos de Sjöstedt (2007), sobre a comparação entre as doutrinas Truman e Bush, e de Resende (2009), sobre as condições de possibilidade da Guerra ao Terror, são exemplos de pesquisas que recorreram àquilo que é duradouro no discurso político dos Estados Unidos para realizar uma análise conjuntural. Ambos os estudos mostraram que já havia todo um arcabouço de narrativas, especialmente religiosas, signos e alegorias, que sustentaram as formulações das doutrinas para a política externa do país em diferentes tempos.

[8] Foram identificados 20 temas, agrupados em quatro aspectos da identidade estadunidense (político-religioso, econômico, internacional, disputa), resultando em três grandes narrativas, cada qual com suas subnarrativas.

aqui[9], pois representam os valores essenciais dos Estados Unidos. Detalharemos neste texto nossas análises sobre a subnarrativa da providência divina.

2 Identidade nacional e puritanismo: a simbiose entre política e religião nos Estados Unidos

Mais do que mera retórica nos discursos políticos, as ideologias dos colonos puritanos vêm sendo difundidas e assimiladas por mais de 400 anos como algo para além dos assuntos mundanos. Defendem a experiência de um "povo escolhido" que, em terras distantes e selvagens, deveria construir uma nova civilização, de pessoas da verdadeira religião, que seria como uma "cidade na colina", brilhante e à vista de todos, exemplo para toda a humanidade.

Ao mesmo tempo, esta "dádiva" veio acompanhada de provações e desafios na "natureza selvagem", pois disputariam o espaço com aqueles que não conheciam a fé de Cristo e, portanto, não viviam de acordo com os seus valores. Isso poderia desvirtuar os peregrinos e afastá-los de seu propósito maior. Haveria a necessidade de submissão à vontade de Deus, vivendo sob rigorosa vigilância.

David Campbell (1992) analisa as heranças da colonização puritana e a forma como este povo lidou com todos os "outros" que foram encontrando. Segundo ele, a vida em comunidade baseada nos valores cristãos foi a forma encontrada pelos colonos para reafirmarem seus laços com a Europa, em um lugar onde o sentimento de pertencimento assumia um papel mais significativo do que o espaço geográfico e o consenso cultural passou a ser definidor da construção da identidade coletiva. Trata-se de uma "comunidade imaginada por excelência", em que o entrelaçamento entre as noções de interno/exterior é intensa e peculiar.

Para ele, a identidade dos Estados Unidos é particularmente dependente de práticas representacionais para sua formação e perpetuação. Sua característica principal é o processo impreciso da imaginação, por isso a identidade estadunidense é reafirmada através de repetidas representações ficcionais do

[9] Cabe aqui informar que na história do país, o único que se atreveu a questionar a sapiência dos pais fundadores na ocasião da elaboração da República em seus discursos foi William Henry Harrison (1841, 9º presidente do país). Argumentando sobre o crescimento exponencial do executivo sobre os demais poderes e da prevalência da sede pelo poder dos ocupantes do governo, Harrison afirmou que a Constituição apresentava defeitos na sua elaboração.

passado. Ele afirma que, ao mesmo tempo em que a lógica da identidade sucumbiu à tentação da alteridade e o perigo foi exteriorizado, um modelo fictício de organização social foi apresentado como um ideal regulador (Campbell, 1992).

Em sua análise, a sensação de perigo que sustentava a fragilidade da identidade puritana se expressou no tratamento dispensado àqueles que, dentro de sua comunidade homogênea, eram considerados uma ameaça. As exortações de fé praticadas pelos líderes religiosos foram os principais instrumentos para a construção de um "mito da América" e isso impactou na forma como o Estado foi estruturado, bem como nas suas relações exteriores. Portanto, para que se tornasse poderoso, foi necessário que houvesse a reprodução pedagógica deste mito, procurando conservar ao máximo sua integridade e seus princípios originais (Campbell, 1992).

A partir da análise de Campbell, entendemos que o esforço principal das lideranças políticas dos Estados Unidos tem sido o de mobilizar um passado idealizado como baluarte e transformá-lo em um eterno presente, em que a segurança do que é conhecido garanta a preservação do modo de vida "civilizado" que os colonos procuraram reproduzir no Novo Mundo. Analisando o conteúdo dos discursos inaugurais, observamos que não são as diferenças e sim as semelhanças entre eles que revelam a força incomensurável do passado imaginado na construção da identidade dos Estados Unidos.

O mito da "providência divina" teve origem na mentalidade puritana no início da colonização da Nova Inglaterra. Em 1609, uma expedição de auxílio à colônia de Jamestown, a *Sea Venture* chefiada por Thomas Gates, naufragou no Triângulo das Bermudas. Dito à época como prova da proteção de Deus, dez meses depois, no dia 22 de maio de 1610, todos os tripulantes retornaram a Jamestown em embarcações improvisadas. Apesar da volta para a colônia, as pessoas retornaram para um cenário não menos terrível. A colônia, em um espaço curto de tempo, havia sido dizimada pela fome e teve sua população drasticamente reduzida.[10]

[10] O episódio se refere ao "*Starving Time*" pelo qual passou a colônia, dizimada por um rigoroso inverno, que obrigou os seus moradores a comer todos os seus animais, passando a cobras e ratos e terminando em assassinatos seguidos de canibalismo e na profanação de cadáveres já sepultados (Smith, 2024).

Meses depois, para aumentar a população da colônia e garantir sua existência, o *Consuell of Virgina* publicou um panfleto para atrair pessoas que desejassem partir em direção à Nova Inglaterra. A milagrosa sobrevivência dos tripulantes do *Sea Venture* servira de argumento para atrair novos colonos, envolvendo-os no discurso da proteção divina. O panfleto destacava relatos atribuídos a Gates, dizendo que ele ansiava retornar a Jamestown, pois a certeza da "proteção divina" afastava todos os medos:

> E por que Sir Thomas Gates anseia e apressa-se a ir para lá outra vez, e o Senhor La-warr [11] deseja sinceramente permanecer lá? [...] Não duvideis de que Deus determinou e demonstrou (pela maravilhosa preservação das principais pessoas que caíram sobre as Bermudas) que ele elevará nosso estado e edificará sua Igreja nesse excelente clima [...] (A true [...], 1610, tradução nossa)[12].

Duzentos anos depois, a retórica da providência divina continuava a inspirar os discursos de políticos. Em 1829, o presidente Andrew Jackson afirmava ter:

> Uma firme confiança na bondade daquele poder cuja providência misericordiosamente protegeu nossa infância nacional, e desde então sustentou nossas liberdades em várias vicissitudes, encoraja-me a oferecer minhas súplicas ardentes para que Ele continue a fazer de nosso amado país o objeto de Seu divino cuidado e bênção graciosa (United States, 1829, tradução nossa)[13].

A proteção de Deus veio com um preço. A experiência dos puritanos na América tinha como cenário a "natureza selvagem", simbolismo teológico que impôs desafio e missão aos colonos da Nova Inglaterra. Para o cumprimento das vontades de Deus, os colonos trilharam caminhos desconhecidos, em meio a uma terra de tentações onde reinava o "caos" (Fonseca,2007).

A experiência histórica dos Estados Unidos e a dita magnitude de seus valores são proferidas pelas lideranças políticas para justificar as relações internacionais do país, envolvendo-as em um imaginário civilizatório e messiânico. O mito da "cidade na colina" indica que a experiência do povo puritano da Nova Inglaterra inspiraria todos os povos cristãos. A expressão

[11] Thomas West, terceiro Barão de De La Warr, presidente do Conselho da Colônia de Jamestown.

[12] And why Sir *Thomas Gates* longeth and hasteneth to go thither again, and the Lord *La-ware* desired so earnestly to stay there? [...] Doubtye not but God hath determined and demonstrated (by the wondrous preservation of those principal persons which fell upon the Bermudas) that he will raise our state and build his Church in that excellent climate [...].

[13] And a firm reliance on the goodness of that Power whose providence mercifully protected our national infancy, and has since upheld our liberties in various vicissitudes, encourages me to offer up my ardent supplications that He will continue to make our beloved country the object of His divine care and gracious benediction.

aparece na carta de John Winthrop, intitulada "*A Modell of Christian Charity*", de 1630, referindo-se às colônias puritanas que se estabeleciam na Nova Inglaterra. A bordo do navio "*Arabella*", Winthrop inaugurava uma das principais retóricas sobre o papel dos Estados Unidos no mundo.

> Descobriremos que o Deus de Israel está entre nós quando dez de nós formos capazes de resistir a mil de nossos inimigos; [...]. Pois devemos considerar que seremos como uma cidade sobre uma colina. Os olhos de todas as pessoas estão sobre nós (Winthrop, [2024], tradução nossa)[14].

No discurso político estadunidense, os mitos fundacionais puritanos foram plenamente incorporados e sofreram pouca ou nenhuma alteração ao longo da História. Por exemplo, quando George Bush tomou posse em 1989, no ocaso da Guerra Fria, seu primeiro ato como presidente foi uma oração, em que agradeceu ao "Todo-Poderoso" pelo amor recebido e pediu força e discernimento para que os Estados Unidos pudessem continuar iluminando o mundo com o seu exemplo. Bush apresentou a "expansão da democracia" como uma missão divina: "nós sabemos em nossos corações, não em voz alta e orgulhosa, mas como um fato simples, que este país tem um significado além do que vemos, e que nossa força é uma força para o bem" (United States, 1989, tradução nossa)[15].

Isso pôde ser percebido também na fala de seu sucessor, em 1993. Tendo visto o cenário de mudanças geopolíticas se concretizar durante o mandato de seu antecessor, Bill Clinton relacionava os novos tempos à manutenção firme dos propósitos estadunidenses:

> Quando nossos fundadores declararam corajosamente a independência da América para o mundo e nossos propósitos ao Todo-Poderoso, eles sabiam que a América, para suportar, teria que mudar. Não mudar para alterar, mas mudar para preservar os ideais da América [...] nossa missão é atemporal (United States, 1993, tradução nossa)[16].

Os trechos dos discursos de Bush e Clinton são exemplos de que não há limites claros entre política e religião nos discursos inaugurais. O uso da religião e de sua simbologia nos documentos do Estado pôde ser visto quatro séculos

[14] We shall find that the God of Israel is among us, when ten of us shall be able to resist a thousand of our enemies; [...] For we must consider that we shall be as a city upon a hill. The eyes of all people are upon us.
[15] We know in our hearts, not loudly and proudly but as a simple fact, that this country has meaning beyond what we see, and that our strength is a force for good.
[16] When our Founders boldly declared America's independence to the world and our purposes to the Almighty, they knew that America, to endure, would have to change; not change for change's sake but change to preserve America's ideals [...] our mission is timeless.

antes, com o *Mayflower Compact*. Este foi o primeiro documento governamental da colônia de Plymouth, escrito pelos peregrinos que cruzaram o Atlântico a bordo do *Mayflower* e assinado em 11 de novembro de 1620. O texto é curto, mas apresenta o início de uma tradição de aval divino para as ações políticas:

> Tendo empreendido para a Glória de Deus, e Avanço da Fé Cristã, e a Honra do nosso Rei e País, uma Viagem para plantar a primeira Colônia nas Partes do Norte da Virgínia; Por estes Presentes, solenemente e mutuamente, na Presença de Deus e uns dos outros, pactuamos e nos unimos em um Corpo Político civil, para nossa melhor Ordenação e Preservação, e Promoção dos Fins acima mencionados: E pela Virtude disto promulgamos, constituímos e enquadramos, tais Leis, Ordenanças, Atos, Constituições e Oficiais justos e iguais, de tempos em tempos, conforme for considerado mais adequado e conveniente para o Bem geral da Colônia; ao qual prometemos toda a devida Submissão e Obediência (The mayflower [...], 1995, tradução nossa)[17].

Quase dois séculos depois do *Mayflower*, a simbiose entre política e religião também apareceu como elemento importante nos documentos da Revolução Americana. No documento "Declaração sobre Armas", de 6 de julho de 1775, que apresenta os motivos dos colonos para pegarem em armas contra a Coroa, as palavras de Jefferson e Dickinson apresentam forte apelo religioso.

> Reconhecemos com gratidão, como exemplos de sinais do favor divino para conosco, que sua Providência não nos permitiria ser chamados para esta controvérsia severa até que estivéssemos crescidos, até nossa força presente ter sido previamente exercitada em operações de guerra e possuíssemos os meios de nos defendermos. Com o coração fortalecido por essas reflexões animadoras, nós mais solenemente, diante de Deus e do mundo, declaramos que, exercendo o máximo a energia desses poderes, que nosso benéfico Criador graciosamente nos concedeu, as armas que fomos compelidos por nossos inimigos a assumir, nós, desafiando todos os perigos, com inabalável firmeza e perseverança, empregaremos para preservar nossas liberdades (Journals [...], 2008, tradução nossa)[18].

Na "Declaração de Independência", as intenções da recém-criada República incluem as expressões "Deus da natureza", "apelando ao Juiz Supremo do mundo", e indica a certeza da proteção divina: "E em apoio desta declaração,

[17] Having undertaken, for the glory of God, and advancement of the Christian faith, and honour of our king and country, a voyage to plant the first colony in the Northerne parts of Virginia, doe by these presents solemnly and mutually in the presence of God and one of another, covenant and combine ourselves together into a civill body politick, for our better ordering and preservation, and furtherance of the ends aforesaid; and by virtue hereof to enacte, constitute, and frame such just and equall laws, ordinances, acts, constitutions and offices, from time to time, as shall be thought most meete and convenient for the generall good of the Colonie unto which we promise all due submission and obedience.

[18] We gratefully acknowledge, as signal instances of the Divine favor towards us, that his Providence would not permit us to be called into this severe controversy, until we were grown up to our present strength, had been previously exercised in warlike operation, and possessed of the means of defending ourselves.- With hearts fortified with these animating reflections, we most solemnly, before God and the world, declare, that, exerting the utmost energy of those powers, which our beneficent Creator hath graciously bestowed upon us, the arms we have been compelled by our enemies to assume, we will, in defiance of every hazard, with unabating firmness and perseverance, employ for the preservation of our liberties.

plenos de firme confiança na proteção da Divina Providência, empenhamos mutuamente nossas vidas, nossas fortunas e nossa sagrada honra" (Declaration [...], 1776, tradução nossa)[19].

Proferindo o primeiro discurso inaugural da história do país, em 30 de abril de 1789, George Washington parecia estar bastante à vontade pedindo "[...] fervorosas súplicas ao Todo-Poderoso que governa sobre o universo [...]" (United States, 1789, tradução nossa)[20]. Seu discurso passou a servir como baliza para seus sucessores e cristalizou a simbiose entre política e religião na cultura política dos Estados Unidos.

Poucos anos mais tarde, Thomas Jefferson não só abordou de forma simbiótica política e religião em seu discurso inaugural como também assumiu que em meio ao ecumenismo protestante estadunidense reinava uma unidade religiosa praticada de várias formas. Ao longo do discurso, disse reconhecer e adorar a providência imperativa que guiava os destinos do país e perguntou: "com todas essas bênçãos, o que mais é necessário para nos tornar um povo feliz e próspero?" (United States, 1801, tradução nossa)[21].

Nos anos após a Revolução Americana, a tradição puritana serviu de base para a sacralização do sistema político estadunidense. Os trechos dos inaugurais de Washington e Jefferson são exemplos da cristalização da simbiose entre o político e o religioso no discurso presidencial nos anos iniciais da construção da República.

Robert Bellah (1991) observou esta simbiose e debateu as particularidades da construção do país, especialmente tratando da separação entre igreja e Estado. Questionando como um presidente poderia justificar o uso da palavra "Deus" em seu discurso, ele ponderou que, embora questões como crença religiosa, cultos e associações fossem assuntos privados, havia certos elementos comuns de orientação religiosa que a maioria dos estadunidenses praticam. Esses elementos têm desempenhado um papel crucial na política do país e fornecem uma

[19] And for the support of this Declaration, with a firm reliance on the protection of divine Providence, we mutually pledge to each other our Lives, our Fortunes and our sacred Honor (Declaration [...], 1776).
[20] [...] fervent supplications to that Almighty Being who rules over the universe [...].
[21] with all these blessings, what more is necessary to make us a happy and a prosperous people?

dimensão religiosa para todo o tecido da vida americana.

Bellah (1991) debateu a presença de elementos religiosos no inaugural de John F. Kennedy, em 1961, e aplicou a ideia roussoniana de "religião civil" aos Estados Unidos. O frequente apelo à ideia de que os presidentes estão "sob Deus", o levou a fazer inferências bastante esclarecedoras para a compreensão do discurso presidencial, em especial os inaugurais, e coloca em debate, inclusive, o próprio sentido de soberania na política estadunidense: "na teoria política americana, a soberania repousa, é claro, com o povo, mas implicitamente, e muitas vezes explicitamente, a suprema soberania foi atribuída a Deus" (Bellah, 1991, tradução nossa)[22].

A "religião civil americana" é conceituada por ele como "[...] uma coleção de crenças, símbolos e rituais com respeito a coisas sagradas e institucionalizadas em uma coletividade" (Bellah, 1991, tradução nossa)[23]. O conceito foi criado baseando-se nas heranças da colonização puritana e na maneira como, ao longo do tempo, os valores religiosos daquelas comunidades transformaram-se em códigos político-institucionais, culminando na Declaração de Independência, em 1776, na organização da República e no *modus operandi* da política doméstica e externa do país. Para ele, essas inferências são um indicativo de valores e compromissos profundamente enraizados.

Este conceito nos permite compreender a natureza do discurso presidencial estadunidense e, especialmente, qual é a "comunidade imaginada" que os Chefes de Estado costumam mobilizar para fundamentar suas propostas para o exercício do cargo.

3 A providência divina guia os destinos da "América": a força do passado nos discursos inaugurais

Nas posses presidenciais, a providência divina e os temas ligados a ela são elementos recorrentes e têm servido para que as necessidades do tempo breve sejam justificadas. Na sequência, apresentamos sua presença nos discursos

[22] In American political theory, sovereignty rests, of course, with the people, but implicitly, and often explicitly, the ultimate sovereignty has been attributed to God.
[23] [...] a collection of beliefs, symbols, and rituals with respect to sacred things and institutionalized in a collectivity.

inaugurais entre 1789 e 2021 e os temas mais frequentes, demonstrando que há uma forte simbiose entre política e religião na construção do discurso presidencial.

Optamos pela divisão dos discursos em três períodos: a) *período 1 (1789-1869)*, compreendendo o tortuoso processo de consolidação do poder da União sobre os Estados, a conquista de territórios a Oeste, a questão da escravidão e a Guerra de Secessão; *b) período 2 (1873-1965)*, compreendendo a Reconstrução, a ascensão do país à liderança na economia-mundo, sua postura ao longo das Guerras Mundiais e a construção de sua hegemonia sobre o sistema-mundo; *c) período 3 (1969-2021)*, compreendendo o arrefecimento da hegemonia do país no sistema-mundo, a necessidade de incluir as minorias sociais, que no contexto das lutas pelos direitos civis e pela paz intensificaram suas ações nas ruas.

A subnarrativa da providência divina diz respeito à ideia de que a experiência do povo dos Estados Unidos é a expressão da vontade divina, de que o país seria uma espécie de "terra prometida" e que dali nasceria não só a "verdadeira" religião, mas também o "verdadeiro" modelo de governo e que seria sua missão difundir esses valores ao mundo, em nome de Deus.

Buscamos localizar sua presença nos discursos inaugurais de todos os presidentes dos Estados Unidos até então, percebendo a intensidade da argumentação e diferenciando falas curtas e formais de outras feitas de forma mais apelativa ou fervorosa[24]. Após estas etapas, identificamos os temas que melhor definem os argumentos.

Em relação à presença, em apenas quatro dos 67 discursos analisados não há presença destes elementos. Se referem aos segundos inaugurais de George Washington, 1793, e de James Madison, 1813, e nas falas analisadas de Chester Arthur, 1881, e Theodore Roosevelt, 1901, bastante sucintas, pois ambos eram vice-presidentes que assumiram a presidência em ocasião dos assassinatos dos presidentes James Garfield e William McKinley.

[24] Cabe ressaltar que, no período 1, 54% dos discursos citaram temas religiosos como formalidade e 37% de forma fervorosa. O tema esteve ausente em 9%. No período 2, 48% dos discursos citaram temas religiosos como formalidade e 43% de forma fervorosa. O tema esteve ausente em 9%. No período 3, não houve ausências destes temas nos discursos. 100% dos discursos citaram temas religiosos de forma fervorosa.

Dos 63 discursos onde há referências a Deus e/ou à providência divina, em 36% essa referência aparece como formalidade, com falas mais curtas e protocolares. No período 1, como exemplo de menção mais formal em relação à providência divina nos discursos inaugurais, podemos citar as palavras proferidas por Martin Van Burren, em 1837:

> Além disso, só espero a proteção graciosa do Ser Divino, cujo apoio fortalecedor eu humildemente solicito, e a quem rezo fervorosamente para que despreze todos nós. Que esteja entre as dispensações de Sua providência abençoar nosso amado país com honras e longevidade. (United States, 1837, tradução nossa)[25]

Ainda no período 1, outro exemplo é a fala de Ulysses Grant, em 1869, que em meio ao rescaldo da Guerra Civil, na conclusão de seu discurso solicitou paciência das pessoas para lidarem uns com os outros e pediu que cada cidadão pudesse fazer sua parte para que consolidar uma União feliz, através de orações a Deus (United States, 1869).

No período 2, podemos exemplificar com a fala de Rutherford Hayes, em 1877, que solicitou "orientação daquela Mão Divina pela qual os destinos das nações e indivíduos são moldados [...]" (United States, 1877, tradução nossa)[26] e de Herbert Hoover, em 1929, que citou que a ocasião de sua posse não se tratava somente de um juramento feito por um cidadão americano, mas sim "uma dedicação e consagração sob Deus ao mais alto cargo a serviço de nosso povo". Hoover continuou afirmando que "[...] somente por meio da orientação da Providência do Todo-Poderoso posso esperar cumprir seus fardos sempre crescentes" (United States, 1929, tradução nossa)[27]. No período 3 não há exemplos de menções mais formais em relação à providência divina.

Vistas no total, 64% das falas que fizeram referências a temas religiosos e à providência divina foram percebidas como mais fervorosas e enfáticas. No período 1, temos como exemplo o inaugural James Polk, em 1845. O presidente solicitou a providência divina para que lhe ajudasse a preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos das constantes tensões políticas que,

[25] Beyond that I only look to the gracious protection of the Divine Being whose strengthening support I humbly solicit, and whom I fervently pray to look down upon us all. May it be among the dispensations of His providence to bless our beloved country with honors and with length of days.
[26] Looking for the guidance of that Divine Hand by which the destinies of nations and individuals are shaped [...].
[27] [...] only through the guidance of Almighty Providence can I hope to discharge its ever-increasing burdens.

anos mais tarde, acabariam por cindir a União:

> […] invoco fervorosamente a ajuda daquele governante Todo-Poderoso do universo em cujas mãos estão os destinos das nações e dos homens para guardar esta terra celestial contra os males que sem a Sua orientação podem surgir de uma política pública insensata (United States, 1845, tradução nossa)[28].

No período 2, temos como exemplo o inaugural de William McKinley, em 1901. Em sua fala, justificou as investidas imperialistas do país no Pacífico apelando para a providência divina, anunciando que:

> Como antes, assim como no futuro a nação demonstrará sua aptidão para administrar qualquer novo estado que os eventos lhe devolvam, e no temor de Deus "aproveitará a ocasião e tornará os limites da liberdade ainda mais amplos" (United States, 1901, tradução nossa)[29].

Outro exemplo no período 2 é o quarto inaugural de Franklin Roosevelt, em 1945, nos momentos finais da Segunda Guerra Mundial. Diante da iminente vitória dos aliados, ele classificou os Estados Unidos como uma terra abençoada de muitas maneiras, onde a providência divina havia dado "corações e braços fortes para desferir golpes poderosos pela liberdade e pela verdade". Continuou citando a figura do Deus cristão, defendendo a universalidade dos valores estadunidenses no contexto da ascensão do país ao status de uma das nações mais poderosas do planeta: "Ele deu ao nosso país uma fé que se tornou a esperança de todos os povos de um mundo angustiado". Encerrou seu discurso rogando a orientação de Deus: "Portanto, oramos a Ele agora pela perspicácia para ver nosso caminho claramente, para enxergar o caminho que leva a uma vida melhor para nós e para todos os nossos semelhantes - e para a realização de Sua vontade de paz na terra" (United States, 1945, tradução nossa)[30].

A partir do final do período 2 e durante todo o período 3, menções mais fervorosas à providência divina passaram a dominar os discursos inaugurais. Ambientado no momento mais tenso da Guerra Fria, o primeiro inaugural de

[28] […] I fervently invoke the aid of that Almighty Ruler of the Universe in whose hands are the destinies of nations and of men to guard this Heaven-favored land against the mischiefs which without His guidance might arise from an unwise public policy.

[29] As heretofore, so hereafter will the nation demonstrate its fitness to administer any new estate which events devolve upon it, and in the fear of God will "take occasion by the hand and make the bounds of freedom wider yet."

[30] […] hearts and strong arms with which to strike mighty blows for freedom and truth. He has given to our country a faith which has become the hope of all peoples in an anguished world. So, we pray to Him now for the vision to see our way clearly to see the way that leads to a better life for ourselves and for all our fellow men—and to the achievement of His will to peace on earth.

Dwight Eisenhower, em 1953, é uma excelente ilustração. O presidente iniciou sua fala solicitando que todos inclinassem suas cabeças em oração e disse:

> Deus Todo-Poderoso, enquanto estamos aqui neste momento, meus futuros associados no Poder Executivo do Governo se juntam a mim, suplicando que Tu cumpras e completes nossa dedicação ao serviço das pessoas nesta multidão e de seus concidadãos em todos os lugares (United States, 1953, tradução nossa)[31]

Ainda no período 3, no ocaso da Guerra Fria, George Bush também solicitou que o povo o acompanhasse em oração. Suas palavras foram as seguintes:

> Pai Celestial, inclinamos nossas cabeças e agradecemos por Seu amor. Aceite nossos agradecimentos pela paz que produz este dia e pela fé compartilhada que torna provável sua continuação. Torne-nos fortes para fazer o Seu trabalho, dispostos a atender e ouvir a Sua vontade, e escreva em nossos corações estas palavras: "use o poder para ajudar as pessoas" (United States, 1989, tradução nossa)[32]

Importante notar que, à medida que o poder do país no sistema-mundo cresceu e se cristalizou, independentemente de partidos políticos, citar Deus, as escrituras e a providência divina parece ser um imperativo. Diante dos desafios que o país enfrentava no exterior e no ambiente doméstico, marcando sua posse como a do primeiro homem negro a comandar a nação mais poderosa do planeta, Barack Obama, em 2009, refutou a ideia de que o declínio dos Estados Unidos era inevitável, relacionando os feitos da Revolução Americana à providência divina:

> Que os filhos de nossos filhos digam que, quando fomos testados, recusamos deixar essa jornada terminar; que não recuamos, nem vacilamos. E com os olhos fixos no horizonte e a graça de Deus sobre nós, levamos adiante esse grande dom de liberdade e o entregamos em segurança às gerações futuras" (United States, 2009, tradução nossa).[33]

Analisando o conteúdo das falas com apelo religioso, percebemos que estão associadas a temas como "proteção", "bênção", "união/constituição", "revelação", "submissão", "missão", "renovação" e "patriotismo". Servindo de

[31] Almighty God, as we stand here at this moment my future associates in the Executive branch of Government join me in beseeching that Thou will make full and complete our dedication to the service of the people in this throng, and their fellow citizens everywhere.

[32] Heavenly Father, we bow our heads and thank You for Your love. Accept our thanks for the peace that yields this day and the shared faith that makes its continuance likely. Make us strong to do Your work, willing to heed and hear Your will, and write on our hearts these words: "Use power to help people."

[33] Let it be said by our children's children that when we were tested, we refused to let this journey end; that we did not turn back, nor did we falter. And with eyes fixed on the horizon and God's grace upon us, we carried forth that great gift of freedom and delivered it safely to future generations.

inspiração para seus sucessores, o inaugural de George Washington, em 1789, reúne ideias de proteção (1), bênção (2), revelação (3), submissão (4) e missão (5). Vejamos:

> [...] seria peculiarmente impróprio omitir neste primeiro ato oficial minhas súplicas fervorosas àquele *Ser Todo-Poderoso que governa o universo, que preside os conselhos das nações, e cujas ajudas providenciais* (1, 2, 3, 4) podem suprir todos os defeitos humanos, para que *Sua bênção possa consagrar as liberdades e felicidade do povo dos Estados Unidos* (1, 2) um governo instituído por eles mesmos para esses propósitos essenciais [...]. Nenhum povo pode ser obrigado a reconhecer e adorar a Mão Invisível que conduz os assuntos dos homens mais do que o dos Estados Unidos. Cada passo pelo qual eles avançaram para o caráter de uma nação independente parece *ter sido distinguido por algum sinal de agência providencial* (1, 2, 4); [...] a preservação do fogo sagrado da liberdade e o destino do modelo republicano de governo são justamente considerados, talvez, tão profundamente, como finalmente, *apostados na experiência confiada às mãos do povo americano*. (1, 5) (United States, 1789, tradução nossa, grifo nosso)[34].

Os temas ligados à religião oscilaram em presença e intensidade. Nos períodos 1 e 2, há uma diversidade maior de temas nos discursos, especialmente ligados à necessidade de unificar o país em meio às ameaças de secessão, argumentando pela proteção divina, bênçãos recebidas e necessidade de submissão a Deus[35]. Ao longo do período 2, o tema "missão" passou a ser o mais mobilizado nos discursos inaugurais, normalmente com referência ao processo de ascensão do país à categoria de superpotência global.

A Tabela 1 detalha estas oscilações.

[34] it would be peculiarly improper to omit in this first official act my fervent supplications to that Almighty Being who rules over the universe, who presides in the councils of nations, and whose providential aids can supply every human defect, that His benediction may consecrate to the liberties and happiness of the people of the United States a government instituted by themselves for these essential purposes [...]. No people can be bound to acknowledge and adore the Invisible Hand which conducts the affairs of men more than those of the United States. Every step by which they have advanced to the character of an independent nation seems to have been distinguished by some token of providential agency. [...] the preservation of the sacred fire of liberty and the destiny of the republican model of government are justly considered, perhaps, as deeply, as finally, staked on the experiment entrusted to the hands of the American people.

[35] Em Rocha (2022), oferecemos uma análise sobre o conteúdo dos discursos inaugurais durante as tensões políticas que conduziram o país à Secessão.

Tabela 1 - Incidência dos temas da subnarrativa da "providência divina"

	Período 1: 1789-1869 (22 discursos)	Período 2: 1873-1965 (26 discursos)	Período 3: 1969-2021 (15 discursos)	Total: 1789-2021 (63 discursos)
Proteção	14 (63,63%)	9 (34,61%)	4 (26,66%)	27 (42,85%)
Bênção	10 (45,45%)	9 (34,61%)	2 (13,33%)	21 (33,33%)
União/Constituição	7 (31,81%)	1 (3,84%)	0	8 (12,69%)
Revelação	6 (27,27%)	9 (34,61%)	3 (20%)	18 (28,57%)
Submissão	5 (22,72%)	7 (26,92%)	2 (13,33%)	14 (22,22%)
Missão	4 (18,18%)	14 (53,84%)	11 (73,33%)	29 (46,03%)
Renovação	0	0	1 (6,66%)	1 (1,58%)
Patriotismo	0	0	1 (6,66%)	1 (1,58%)

Fonte: Elaboração do autor, 2024.

Associamos à "proteção" as referências à atuação da providência divina nos destinos do país. Estas alusões são mais comuns nos dois primeiros períodos. No período 1, em 1797, John Adams, afirmou pela proteção divina na "infância" da América e na ampliação do território das colônias originárias (United States, 1797). Anos mais tarde, Thomas Jefferson, em 1805, lembrou a proteção "[...] que *tirou nossos pais, como Israel da antiguidade, de sua terra natal* e os plantou em um país que flui com todas as necessidades e confortos da vida (United States, 1805, tradução nossa, grifo nosso)[36]. Em 1849, Zachary Taylor, solicitou a proteção quando invocou "[...] a continuação do mesmo cuidado protetor que nos conduziu desde os primórdios à eminência que hoje ocupamos [...]" (United States, 1849, tradução nossa)[37].

No período 2, a proteção foi novamente tema na posse de Grover Cleveland, em 1893, que encerrou sua fala citando que:

> Acima de tudo, sei que existe um Ser Supremo que governa os negócios dos homens e *cuja bondade e misericórdia sempre acompanharam o*

[36] [...] who led our fathers, as Israel of old, from their native land and planted them in a country flowing with all the necessaries and comforts of life.

[37] [...] a continuance of the same protecting care which has led us from small beginnings to the eminence we this day occupy [...].

> *povo americano*, e sei que Ele não se afastará de nós agora se buscarmos humilde e reverentemente Sua *poderosa ajuda* (United States, 1893, tradução nossa, grifo nosso)[38].

No período 3, citamos como exemplos a fala de Ronald Reagan, em 1981: "Disseram-me que dezenas de milhares de reuniões de oração estão sendo realizadas neste dia, e por isso estou profundamente grato. Somos uma nação sob Deus e acredito *que Deus pretendeu que sejamos livres*" (United States, 1981, tradução nossa, grifo nosso)[39]. Donald Trump, em 2017, usou da proteção divina para anunciar que a América buscaria, a partir de então, unicamente seus interesses:

> Não deve haver medo: *estamos protegidos e sempre estaremos protegidos*. Seremos protegidos pelos grandes homens e mulheres de nossas forças armadas e policiais e, o mais importante, seremos *protegidos por Deus* (United States, 2017, tradução nossa, grifo nosso)[40].

Associamos à "bênção" as alusões às bonanças dadivadas ao povo dos Estados Unidos, normalmente associadas às riquezas da terra ou ao progresso econômico. Este tema foi mais frequente nos períodos 1 e 2. Como exemplos no período 1, citamos a fala de Thomas Jefferson, em 1801: "[...] um *país escolhido*, com espaço suficiente para nossos descendentes até a milésima geração" (United States, 1801, tradução nossa, grifo nosso)[41]. William Henry Harrison, em 1841, que fez questão de agradecer "[...] àquele bom Ser que *nos abençoou com os dons da liberdade civil e religiosa*, que zelou e fez prosperar o trabalho de nossos pais e até agora *preservou para nós instituições muito superiores* em excelência às de qualquer outro povo [...]" (United States, 1841, tradução nossa, grifo nosso)[42].

No período 2, citamos o inaugural de Benjamin Harrison, em 1889, quando disse que "*Deus colocou [...] aos nossos pés poder e riqueza* além de qualquer definição ou cálculo" (United States, 1889, tradução nossa, grifo nosso)[43]. No período 3, Lyndon Johnson, em 1965, afirmou:

---

[38] Above all, I know there is a Supreme Being who rules the affairs of men and whose goodness and mercy have always followed the American people, and I know He will not turn from us now if we humbly and reverently seek His powerful aid.

[39] I'm told that tens of thousands of prayer meetings are being held on this day, and for that I'm deeply grateful. We are a nation under God, and I believe God intended for us to be free.

[40] There should be no fear: We are protected, and we will always be protected. We will be protected by the great men and women of our military and law enforcement, and most importantly, we will be protected by God.

[41] [...] a chosen country, with room enough for our descendants to the thousandth and thousandth generation.

[42] [...] and to that good Being who has blessed us by the gifts of civil and religious freedom, who watched over and prospered the labors of our fathers and has hitherto preserved to us institutions far exceeding in excellence those of any other people [...].

[43] God has placed [...] at our feet power and wealth beyond definition or calculation.

> Se falharmos agora, teremos esquecido em abundância o que aprendemos nas adversidades: que a democracia se baseia na fé, que a liberdade pede mais do que dá, e o *julgamento de Deus é mais severo para aqueles que são mais favorecidos*" (United States, 1965, tradução nossa, grifo nosso)[44].

Associamos à "União/Constituição" as referências principalmente ao período em torno da Guerra de Secessão (período 1), quando a providência divina foi relacionada à defesa da União. As falas do período apresentam a constituição como uma bênção, um ato feito na presença de Deus (ou sob Suas regras), suplicando para que o entrante no cargo seja inspirado a dissipar as divisões que assolaram o país na conjuntura que desencadeou a Guerra de Secessão. Muito associada a essa ideia estão as constantes alusões à construção e consolidação da República ou as ações dos "pais fundadores" como inspiradas por Deus.

Associamos à "revelação" as referências que atribuíram "inspiração divina" para a construção e a consolidação da República. Neste sentido, a providência divina teria mostrado quais caminhos deveriam ser trilhados pelo país e por suas lideranças políticas. São falas que indicaram que os documentos fundantes dos Estados Unidos e a vanguarda dos "pais fundadores" eram fruto da revelação e, portanto, precisam ser constantemente visitados e reinterpretados, fortalecendo seu caráter atemporal. Neste sentido, no período 1, cabe destacar a fala de Franklin Pierce, em 1853, é exemplo da inspiração divina dos pais fundadores, quando pediu que "[...] *a bondosa Providência que sorriu para nossos pais possa capacitar seus filhos a preservarem as bênçãos que herdaram"* (United States, 1853, tradução nossa, grifo nosso)[45]. No período 2, a fala de Warren Harding, em 1921, também vai nesse sentido, ao indicar "[...] minha *crença na inspiração divina dos pais fundadores*." (United States, 1921, tradução nossa, grifo nosso)[46]. A de Franklin Roosevelt, em 1937, também apresenta a confiança de que Deus guia os passos da América, *"*[...] *buscando a orientação divina para ajudar a todos nós a dar luz àqueles que estão sentados nas trevas e guiar nossos pés no caminho da paz"* (United States, 1937, tradução nossa, grifo nosso)[47].

[44] If we fail now then we will have forgotten in abundance what we learned in hardship: that democracy rests on faith, that freedom asks more than it gives, and the judgment of God is harshest on those who are most favored.
[45] [...] kind Providence which smiled upon our fathers may enable their children to preserve the blessings they have inherited.
[46] my belief in the divine inspiration of the founding fathers.
[47] [...] seeking Divine guidance to help us each and every one to give light to them that sit in darkness and to guide our feet into the way of peace.

A "submissão" diz respeito à necessidade de obediência a Deus e à adoção de comportamentos condizentes com a moralidade cristã. Ambos podem ser vistos ao longo de todos os períodos. Normalmente, a ideia de submissão se apresenta associada à resignação em fazer a "obra de Deus" através da presidência, estar sob juramento perante Deus, seguir seus preceitos. São exemplos disso os casos de John Quincy Adams, 1825, William McKinley, 1897, Warren Harding, 1921, Joseph Biden, 2021 (United States, 1825, 1897, 1921, 2021).

O tema da "missão" diz respeito à ideia de que os Estados Unidos agem por providência divina, primeiro pelo exemplo e depois por suas ações no sistema-mundo. Se cristaliza a partir do segundo período e dispara como o tema mais associado à providência divina dentre todos os outros desde a Segunda Guerra Mundial. Sobre este tema, as falas até o final do século 19 apontavam para a ideia de que os Estados Unidos ensinam ao mundo pela sua aliança com Deus e pela qualidade de suas instituições. A partir das ações e do exemplo do país, o "plano de Deus" de espalhar a paz e a prosperidade pelo mundo poderia se concretizar.

No período 1, ilustra esse argumento a fala de Thomas Jefferson, em 1805, que encerrou seu discurso pedindo "[...] que Ele ilumine as mentes de seus servos, guie seus conselhos e faça prosperar suas medidas que *tudo o que eles fizerem resultará em seu bem e assegurará a você a paz, a amizade e a aprovação de todas as nações"* (United States, 1805, tradução nossa, grifo nosso)[48]. No período 2, serve de ilustração a fala de Calvin Coolidge, em 1925: "O estado superior ao qual a América busca a lealdade de toda a humanidade *não é de origem humana, mas de origem divina*. Ela não acalenta nenhum propósito, exceto merecer o favor do Deus Todo-Poderoso" (United States, 1925, tradução nossa, grifo nosso)[49]. Em plena Guerra Fria, John Kennedy, em 1961, afirmou que:

> Na longa história do mundo, apenas algumas gerações receberam o *papel de defender a liberdade em sua hora de perigo máximo*. Eu não recuo dessa responsabilidade - eu a agradeço. Não acredito que algum de nós troque de lugar com outras pessoas ou qualquer outra geração. A energia, a fé, a devoção que levamos a esse empreendimento

[48] [...] that He will so enlighten the minds of your servants, guide their councils, and prosper their measures that whatsoever they do shall result in your good, and shall secure to you the peace, friendship, and approbation of all nations.

[49] The higher state to which she seeks the allegiance of all mankind is not of human, but of divine origin. She cherishes no purpose save to merit the favor of Almighty God.

> *iluminarão nosso país e todos os que o servem - e o brilho desse fogo pode realmente iluminar o mundo"* (United States, 1961, tradução nossa, grifo nosso)[50].

No período 3, George Bush, em 1989, solicitou a Deus: "torne-nos fortes para *fazer o Seu trabalho,* dispostos a *atender e ouvir a Sua vontade*" (United States, 1989, tradução nossa, grifo nosso).

"Renovação" e "Patriotismo" são temas que não estão comumente associados às retóricas religiosas e sim às políticas, mas despertaram nossa curiosidade ao aparecerem em dois discursos relacionados à providência divina. Se destacam, respectivamente, nas falas de Jimmy Carter, 1977, e Donald Trump, 2017, quando foram associados a conteúdos religiosos.

Sobre renovação, Jimmy Carter citou palavras de sua professora da escola, que havia dito que "precisamos nos *ajustar* aos tempos de mudança e *ainda nos apegar a princípios imutáveis*" (United States, 1977, tradução nossa, grifo nosso)[51], afirmando na sequência que estava de posse da Bíblia usada por George Washington em seu primeiro inaugural, em 1789.

Associando patriotismo e religião, Donald Trump proferiu em 2017 que "no alicerce de nossa política haverá uma total fidelidade aos Estados Unidos da América e, por meio de nossa lealdade ao nosso país, redescobriremos nossa lealdade um ao outro. *Quando você abre seu coração ao patriotismo, não há espaço para preconceitos*. A Bíblia nos diz*: 'Quão bom e agradável é quando o povo de Deus vive junto em união'*" (United States, 2017, tradução nossa, grifo nosso)[52].

A observação da incidência destes temas nos três períodos revela dois aspectos: em primeiro, destacamos a atemporalidade da subnarrativa da providência divina e como cada conjuntura requereu uma mobilização adequada de temas para justificar os interesses dominantes e/ou conduzir os caminhos do país de forma a subverter o mínimo possível e o máximo aceitável a ordem social

[50] In the long history of the world, only a few generations have been granted the role of defending freedom in its hour of maximum danger. I do not shrink from this responsibility--I welcome it. I do not believe that any of us would exchange places with any other people or any other generation. The energy, the faith, the devotion which we bring to this endeavor will light our country and all who serve it--and the glow from that fire can truly light the world.
[51] "We must adjust to changing times and still hold to unchanging principles."
[52] The Bible tells us, "How good and pleasant it is when God's people live together in unity".

estabelecida desde antes da Revolução Americana, simbolizada na "aliança" do povo estadunidense com Deus.

Em segundo, seu caráter disciplinador. A presença e a escolha que Deus fez deste povo, "Seus" planos e o caráter divino das ações do país ao longo da História Global têm sido enfatizados com tamanho fervor que intentam obstaculizar qualquer possibilidade de contestação. Mesmo em seu ecumenismo cristão, o discurso político dos Estados Unidos, especialmente os que se dirigem diretamente à população, são carregados destes temas e dificultam o surgimento de alternativas políticas, econômicas, sociais e culturais que possam ser mais inclusivas e, em se tratando de aspectos religiosos, de fato ecumênicas.

Nos períodos 1 e 2, os discursos políticos que abordaram temas religiosos como uma mera formalidade tinham ligeira vantagem sobre os mais fervorosos, fato que se inverteu na transição para o período 3. Quanto mais crescia a força e a presença do país no sistema-mundo, maior foi a mobilização de temas religiosos nos discursos inaugurais. A partir de 1941, ou seja, englobando os anos finais do período 2 e a totalidade dos períodos 3, o fervor e os apelos apaixonados a Deus e às "Suas" graças ao povo dos Estados Unidos estiveram presentes em todos os inaugurais e nas primeiras falas tomadas dos vices que assumiram em virtude de morte/assassinato de seu presidente (Harry Truman, 1945, e Lyndon Johnson, 1963) ou de renúncia do mandatário (Gerald Ford, 1974).

Os discursos considerados mais fervorosos mobilizaram temas ligados à "providência divina" para tratar de assuntos de grande importância política em cada uma das conjunturas. Especialmente no primeiro período, notamos discursos mais tímidos, que pediam proteção, agradeciam a Deus pela bonança de sua terra e de sua liberdade, confiavam na "Sua" revelação e se resignavam aos "Seus" preceitos, ordens e vontade. Entre os nove discursos proferidos de forma mais fervorosa, sete são entre 1841 e 1865, período em que as discussões em torno da expansão da escravidão para os territórios conquistados, a defesa da União e da Constituição dominaram o cenário político e conduziram o país à Guerra de Secessão. Na virada para o século 20, ao passo que a política doméstica se estabilizou e o país passou a ter maior proeminência tanto na economia-mundo capitalista quanto na expansão imperialista, notamos que os discursos passaram

a apresentar maior relação entre os conteúdos religiosos e o contexto internacional, sendo proferidos, em sua maioria, de forma apaixonada e fervorosa para justificar as ações imperialistas do país e, especialmente a partir de 1965, solicitar união em um país tomado por protestos pela paz e pelos direitos civis.

Considerações Finais

O passado tem sido amplamente mobilizado para argumentar e/ou justificar as escolhas políticas de cada tempo. A partir de um olhar com atenção à longa duração, no plano doméstico estes temas dizem respeito, principalmente, em como (e até que ponto) incorporar à sociedade todo o tipo de diversidade étnica, religiosa, ideológica e de gênero de pessoas que vivem "dentro" de seus limites geográficos e que, em teoria, teriam direito à plena cidadania estadunidense. No plano internacional, dizem respeito ao crescimento do imperialismo estadunidense e às relações dos Estados Unidos com diferentes "outras" civilizações.

A grande narrativa do "panteão político-religioso incontestável" e sua subnarrativa da "providência divina" estão totalmente arraigadas no passado idealizado da "comunidade imaginada" dos Estados Unidos, baseadas nos valores da colonização puritana. É nesta grande narrativa que se encontram os elementos mais antigos e coesos da identidade estadunidense. Portanto, a intensidade com que a subnarrativa da providência divina e seus temas têm sido mobilizados nos discursos nos indicam quais têm sido os grandes temas do país e como eles têm sido comunicados à nação e ao mundo.

É no âmbito desta grande narrativa que podemos ter uma ampla visão sobre o "outro" dentro da "comunidade imaginada", corroborando a tese de Campbell de que existe uma infinidade de "outros" ao redor e que as fronteiras de identidade não podem ser vistas apenas como limites geográficos. O grande tema de debate no século 19, a defesa da União, a expansão territorial e os debates sobre a expansão da escravidão, mostrou a dificuldade de encaixar na identidade de origem puritana os indígenas, negros e hispano-americanos. Estes grupos, aos poucos, foram sendo "incorporados" à sociedade estadunidense sem jamais terem pertencido plenamente a ela. No século 20, a diversificação étnica e

ideológica da população dos Estados Unidos se ampliou e vem se ampliando ainda mais, ainda sem incorporar, de fato, estes grupos, invisibilizando suas existências. Quanto mais se diversifica a sociedade estadunidense, maior tem sido a ênfase na unidade do povo e maiores tem sido os apelos à comunidade imaginada. Em meio ao receio de que a essência do que é "ser americano" esteja sumindo, a comunidade imaginada é cada vez mais reafirmada, enaltecendo suas instituições e seu modelo de democracia como perfeitos e superiores aos demais que existem no mundo.

Também é no âmbito desta grande narrativa que podemos ter uma ampla visão sobre o "outro" fora da "comunidade imaginada". Desde a segunda metade do século 19, é notória a impressionante evolução das ocorrências de mobilizações da subnarrativa da providência divina para justificar o imperialismo estadunidense. A atenção à força do passado possibilitou perceber que, quanto mais avançou o imperialismo estadunidense, maiores foram as contestações, dentro e fora do país, à sua agressiva política externa. Quanto mais contestada foi, mais o passado foi mobilizado para justificá-la e quanto mais agressiva se tornou, maiores foram os apelos à "missão" dos Estados Unidos e mais enfáticos foram os argumentos de que são uma nação necessária no mundo.

Em síntese, a observação da incidência de temas ligados à subnarrativa da providência divina nos três períodos revela dois aspectos: em primeiro, destacamos sua constância. Mobilizados de forma intensa e enfática ao longo do tempo, estes temas se associam aos principais assuntos de política doméstica e/ou internacional da história dos Estados Unidos. Em segundo, o caráter *disciplinador e incontestável* indica que mobilizar de forma cada vez mais fervorosa a figura de Deus e argumentar pela sua predileção pelo povo dos Estados Unidos nos discursos presidenciais parece querer inviabilizar qualquer contestação às intenções dos entrantes no cargo. Desta forma, a força e a presença da subnarrativa da providência divina desde os tempos da colonização eternizam a romantização da construção de uma república escravocrata, branca e masculina, que historicamente dificulta o acesso à plena cidadania para populações nativas, negros, mulheres e imigrantes. Além disso, dificulta a construção de um Estado laico, religiosamente diverso, especialmente em um contexto de recuo da supremacia cristã protestante no país.

Poderíamos esperar que os elementos religiosos fossem perdendo força à medida que a autoridade e a soberania do Estado (laico) fossem se cristalizando e a sociedade, se diversificando. Poderíamos esperar que, com a infinidade produções que analisam de forma mais crítica a Revolução Americana, a nação ficaria menos dependente de seus "pais fundadores" e da aura sobrenatural que envolve suas figuras. Não é o que acontece. A presença da providência divina tem se mostrado cada vez mais forte e consolidada na cultura política estadunidense. Esta força esconde a diversidade étnica do país, mascara suas desigualdades e inibe as oposições às narrativas "oficiais" do que é "ser americano". No sistema-mundo, as consequências são ainda piores: apresenta o mundo como um espaço à mercê do cumprimento dos interesses do país, justificado pela vontade de Deus.

REFERÊNCIAS

A TRUE declaration of the estate of the colonie in Virginia vvith a confutation of such scandalous reports as haue tended to the disgrace of so worthy an enterprise. Published by aduise and direction of the Councell of Virginia. *In*: THE DIGITAL collection Early English Books Online. Michigan, 1610. Disponível em: https://name.umdl.umich.edu/A14518.0001.001. Acesso em: 7 ago. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**. São Paulo: Contraponto, 2013.

AUSTERMÜHL, Frank. **The great american scaffold**: intertextuality and identity in american presidential discourse. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2014.

BELLAH, R. N. Civil religion in America. *In*: BELLAH, R. N. **Beyond belief**: essays on religion in a post-traditional world. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1991.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. Lisboa: Presença, 1990.

CAMPBELL, Karlyn; JAMIESON, Kathleen. Inaugurating the Presidency. **Presidential Studies Quarterly**, v. 15, n. 2, 1985, p. 394–411. Disponível em: jstor.org/stable/27550215. Acesso em: 16 out. 2020.

CAMPBELL, David. **Writing security**: United States foreign policy and the politics of Identity. Minneapolis: University of Minnessota Press, 1992.

DECLARATION of Independence: a transcription. In: NATIONAL ARCHIVES. Washington, Congress, July 4, 1776. Disponível em: www.archives.gov/founding-docs/declaration-transcript. Acesso em: 05 ago. 2024.

ERICSON, David F. Presidential inaugural addresses and american political culture. **Presidential Studies Quarterly**, v. 27, n. 4, p. 727–744. 1997.Disponível em: jstor.org/stable/27551797. Acesso em: 16 out. 2020.

FONSECA, Carlos da. Deus está do nosso lado: excepcionalíssimo e religião nos EUA. **Contexto internacional**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 149-185, jun. 2007. Disponível em:www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292007000100005#na. Acesso em: 20 jun. 2019.

HARTNETT, Stephen John; MERCIECA, Jennifer Rose. "A discovered dissembler can achieve nothing great"; or, four theses on the death of presidential rhetoric in an age of empire. **Presidental Studies Quarterly**, v. 37, n. 4, p. 599-621, Dec. 2007.

JONES, Robert P.; COX, Daniel. **America"s changing religious identity**: findings from the 2016 american values atlas. Washington: PRRI, 2017. *E-book*. Disponível em: www.prri.org/research/american-religious-landscape-christian-religiously-unaffiliated/. Acesso em: 15 out. 2019.

JOURNALS of the Continental Congress: Declaration on Taking Arms. *In*: THE AVALON project: documents in low, history and diplomacy, New Haven, 2008. Disponível em: avalon.law.yale.edu/18th_century/contcong_07-06-75.asp#final. Acesso em: 05 ago. 2024.

LUI, Fang. Genre analysis of american presidential inaugural speech. **Theory and Practice in Language Studies**, v. 2, n. 11, p. 2407-2411, Nov. 2012.

RESENDE, Érica. **Americanidade, puritanismo e política externa**: a (re)produção da ideologia puritana e a construção da identidade nacional nas práticas discursivas da política externa norte-americana. 2009. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ROCHA, Luciano Daudt da. A voz da Casa Branca: a construção histórica da identidade dos Estados Unidos nos discursos do "dia da inauguração" (1789-2021). 2021. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ROCHA, Luciano Daudt da; DUWE, Ricardo. Feridas abertas e processos inconclusos: o fantasma da guerra civil e os eventos de janeiro de 2021 nos Estados Unidos. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 14, n. 36, e0107, set. 2022.

SJÖSTEDT, R. The discursive origins of a doctrine: norms, identity, and securitization under Harry S. Truman and George W. Bush. **Foreign Policy Analysis,** v. 3, p. 233–254. 2007.

SMITH, Capt John. Starving Time. *In:* MCLEMORE, Laura Lyons. **Open Anthology of The American Revolution.** [*S. l.*]: Pressbooks, 2024. *E-book*. Disponível em: pressbooks.pub/theamericanrevolutionprimarysourcereadings/chapter/starving-time/. Acesso em: 05 ago. 2024.

THE MAYFLOWER compact. *In*: US history.org, Filadélfia, 4 jul. 1995. Disponível em: ushistory.org/documents/mayflower.htm. Acesso em: 05 ago. 2024.

THIESSE, Anne Marie. **A criação das identidades nacionais**. Lisboa: Temas e Debates, 2000.

UNITED STATES. President (1789-1797: Washington). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. New York, 30 Apr. 1789. Disponível em: www.presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-16. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1797-1801: Adams). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Pennsylvania, 04 Mar. 1797. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-18. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1801-1809: Jefferson). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1801. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-19. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1801-1809: Jefferson). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1805. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-20. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1825-1829: Adams). Inaugural address. In: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1825. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-25. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1829-1837: Jackson). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1829. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-26. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1837-1841: Van Buren). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1837. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-28. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1841: Harrison). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1841. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-29. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1845-1849: Polk). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1845. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-30. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1853-1857: Pierce). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1853. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-32. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1877-1881: Hayes). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 05 Mar. 1977. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-38. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1889-1893: Harrison). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1889. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-41. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1893-1897: Cleveland). Inaugural address. In: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1893. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-42. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1897-1901: McKinley). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1901. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-44. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1897-1901: McKinley). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1897. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-43. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1901-1909: Roosevelt). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1905. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-45. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1921-1923: Harding). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1921. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-49. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1923-1929: Coolidge). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1925. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-50. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1929-1933: Hoover). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 04 Mar. 1929. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-9. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1933-1945: Roosevelt). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 20 Jan. 1937. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-7. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1933-1945: Roosevelt). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 20 Jan. 1945. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-6. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1953-1961 Eisenhower). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 20 Jan. 1953. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-3. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1961-1963: Kennedy). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 20 Jan. 1961. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-4. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1977-1981: Carter). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 20 Jan. 1977. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-0. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1981-1989: Reagan). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 20 Jan. 1981. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-11. Acesso em: 8 maio 2021.

UNITED STATES. President (1989-1993: Bush). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 20 Jan. 1989. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (1993-2001: Clinton). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 20 Jan. 1993. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-51. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (2009-2017: Obama). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 20 Jan. 2009. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-5. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (2017- 2021: Trump). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 20 Jan. 2017. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-14. Acesso em: 05 ago. 2024.

UNITED STATES. President (2021 -: Biden). Inaugural address. *In*: THE AMERICAN presidency project. Santa Barbara: UC Santa Barbara. Washington, 20 Jan. 2021. Disponível em: presidency.ucsb.edu/documents/inaugural-address-53. Acesso em: 05 ago. 2024.

WINTHROP, J. A Model of Christian Charity. Boston, 1630. *In:* HANOVER Historical Texts Collection. Hanover: Hanover College, [2021]. Disponível em history.hanover.edu/texts/winthmod.html. Acesso em: 05 ago. 2024.